****

**TEXTOS LITERÁRIOS 4º ANO**

|  |
| --- |
| **GÊNERO TEXTUAL: POEMA** |
| **Identidade**  Às vezes nem eu mesmo  Sei quem sou.  Às vezes sou.  "o meu queridinho",  Às vezes sou  "moleque malcriado".  Para mim  Tem vezes que eu sou rei,  Herói voador,  Caubói lutador,  Jogador campeão.  Às vezes sou pulga,  Sou mosca também,  Que voa e se esconde  De medo e vergonha.  Às vezes eu sou Hércules,  Sansão vencedor,  Peito de aço  Goleador!  Mas o que importa  O que pensam de mim?  Eu sou quem sou,  Eu sou eu,  Sou assim,  Sou menino.  Pedro Bandeira Cavalgando o arco-íris.  São Paulo, Moderna, 1985. |
|  |
| **GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA** |
| **Paraíso**  Se esta rua fosse minha,  Eu mandava ladrilhar,  Não para automóveis matar gente,  Mas para criança brincar.  Se esta mata fosse minha,  Eu não deixava derrubar.  Se cortarem todas as árvores,  Onde é que os pássaros vão morar?  Se este rio fosse meu,  Eu não deixava poluir.  Joguem esgotos noutra parte,  Que os peixes moram aqui.  Se este mundo fosse meu,  Eu fazia tantas mudanças  Que ele seria um paraíso  De bichos, plantas e crianças.  José Paulo Paes |

|  |
| --- |
| **GÊNERO TEXTUAL: CONTO** |
| **Pneu furado**  O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente  para o pneu, uma moça muito bonitinha. Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem  dizendo “pode deixar". Ele trocaria o pneu.  – Você tem macaco? - Perguntou o homem.  – Não - Respondeu a moça.  – Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe?  – Não - Disse a moça.  –Vamos usar o meu - disse o homem. E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça. Terminou no  momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o  ônibus se afastar. Dali a pouco chegou o dono do carro.  – Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.  – É. Eu... eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.  – Coisa estranha.  – É uma compulsão. Sei lá.  Fonte do texto: Luís Fernando Veríssimo. Pai não entende nada. L&PM, 1991. |
| **A Fuga do Gato**  Era uma vez um gato muito curioso chamado Mingau. Ele morava em uma casa confortável com seu dono, mas, apesar de toda a comida e carinho, sempre sentia que algo faltava. Mingau passava seus dias observando a janela, sonhando com o mundo lá fora, onde as árvores se balançavam ao vento e os passarinhos voavam livres.  Um dia, enquanto o dono estava distraído, Mingau viu a oportunidade e escapou pela janela. A liberdade nunca tinha soado tão doce. Mas, à medida que se afastava, logo percebeu que o mundo lá fora não era tão acolhedor quanto imaginava. As ruas eram perigosas, e os outros animais não eram tão amigáveis quanto ele pensava.  Depois de algumas horas de percalços, Mingau começou a sentir saudades de sua cama macia e da comida quentinha que seu dono preparava. Foi então que ele percebeu que a verdadeira liberdade não estava apenas na ausência de regras, mas no equilíbrio entre a aventura e o conforto do lar.  Claudio Gonçalves |
| **O cágado e a festa no céu**  Uma vez houve três dias de festa no céu; todos os bichos lá foram; mas nos dois primeiros dias o cágado não pôde ir, por andar muito devagar. Quando os outros vinham de volta, ele ia no meio do caminho. No último dia, mostrando ele grande vontade de ir, a garça se ofereceu para levá-los nas costas. O cágado aceitou, e montou-se; mas a malvada ia sempre perguntando se ele ainda via a terra, e quando o cágado disse que não avistava mais a terra, ela o largou no ar e o pobre veio rolando e dizendo:  “Léu, léu, léu, Se eu desta escapar, Nunca mais bodas ao céu...”  E também: “Arredem-se, pedras, paus, senão vos quebrareis.” As pedras e paus se afastaram, e ele caiu; porém todo arrebentado. Deus teve pena e juntou os pedacinhos e deu-lhe de novo a vida em paga da grande vontade que ele teve de ir ao céu. Por isso é que o cágado tem o casco em forma de remendos.  (Monteiro Lobato. Histórias da Tia Nastácia) |
| **A onça e o gato**  A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais.  Chegando à fonte encontraram lá́ o calango, e então disse a onça para o gato: “Compadre, vamos ver quem de um só́ pulo pula o camarada calango.”  — “Vamos”, disse o gato. “Só́ você pulando adiante”, disse a onça. O gato pulou em cima do calango, a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou.  A onça ficou desapontada e disse: “Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...” O gato respondeu: “Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes”. |